

MUDI - MUSEU DIÁRIOS DO ISOLAMENTO: UM MUSEU VIRTUAL DE CONEXÕES DA MEMÓRIA DA PANDEMIA

GUILHERME SUSIN SIRTOLI¹; CAROLINA FOGAÇA TENOTTI²; ALICE TAVARES DA SILVA³; GABRIELA FERREIRA⁴; MARIA WALESKA PEIL⁵
:DANIEL MAURÍCIO VIANA DE SOUZA⁶

¹*Universidade Federal de Pelotas – guisusinsirtoli@gmail.com*

²*Universidade Federal do Rio Grande – c.fogacatenotti@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – alicetsilva@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – gabrielaferreira.adm@hotmail.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas – mwalpeil@gmail.com*

⁶*Universidade Federal de Pelotas – danielmvssouza@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho abordaremos as atividades realizadas pelo Museu Diários do Isolamento (MuDI), projeto vinculado ao Núcleo de Estudos sobre Museus, Ciência e Sociedade (NEMuCS), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O Museu se coloca no território digital com o objetivo de não somente estabelecer conexões, como também praticar ações que contribuam para a divulgação da ciência e a sua devida dialogização, visto que no momento atual se faz necessária a discussão acerca da pandemia da COVID-19, entre outras questões que assolam a humanidade. O MuDI, enquanto museu de ciências e projeto de extensão, de caráter multidisciplinar e oriundo do curso de Museologia, propõe-se a dialogar com a sociedade acerca de temas presentes na mídia e que, por vezes, são propagados de forma questionável, como no caso das *fake news*, cuja circulação serve para afastar ainda mais a ciência da população em geral e favorece a desinformação em tempos de movimentos negacionistas e contrários ao conhecimento e a informação livre e democrática.

A Museologia, como área pertencente ao campo da memória, também se insere na construção dos discursos produzidos pelos atores sociais que, no tempo atual, são responsáveis pela criação de uma memória do presente, atrelada às experiências individuais do isolamento e que se somam a uma consciência coletiva humana em tempos de incerteza e desinformação. A presença dos museus na era do virtual (MENESES, 2007), indica um traço marcante da sociedade atual em transição, que é a crise da representação, assim como o avanço da sociedade da informação, a tendência à desmaterialização e a própria ampliação do mercado simbólico.

Dessa forma, o MuDI promove diferentes atividades em sua plataforma digital, na qualidade de ação coletiva frente ao momento global atual, através de exposição de longa duração constituída por ‘movimentos’ intitulados Por dentro da pandemia, Ciência compartilhada, É Fake!, Memórias do Isolamento; além de exposições de curta duração. Essas ações, além de propiciar a abertura do diálogo dentro de instituições de poder como o museu, também fomenta o questionamento e a reflexão acerca de valores tradicionais e herméticos da ciência, bem como exerce a dimensão educativa da instituição museológica enquanto local de produção de saberes próprios (MARANDINO, 2004), já que o museu também tem como função a possibilidade de estruturar determinados saberes e valores sociais e culturais na sociedade. As aproximações afetivas também são proporcionadas pelas virtuais conexões, sendo o museu o ambiente favorável para a criação de

novos vínculos emocionais (WAGENBERG, 2006), bem como o estabelecimento de novas relações que se conectam por via das sensibilidades e pertencimentos de seus visitantes.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para elaboração deste texto é qualitativa, de cunho bibliográfico e analítico, com o objetivo de analisar e expor o trabalho desenvolvido até então pelo MuDI - Museu Diários do Isolamento, museu de virtuais conexões sediado no web espaço, criado para difundir informações e criar memórias acerca do período pandêmico. Sabemos que o advento dos museus virtuais são cada vez mais recorrentes na contemporaneidade e isso ficou evidente durante o período pandêmico. Tal realidade reflete a necessidade do fenômeno museológico se libertar “do seu espaço tradicional e limitado, para se tornar acessível ao grande público. Cada vez mais o museu tem de se adaptar às necessidades da sociedade actual que se encontra em constante mutação” (MUCHACHO, 2005, p.1541). O Museu é construído coletivamente pela equipe integrante e público potencial, se adaptando às demandas presentes no universo da cibercultura (LEVY, 2010). Além de reunir e difundir informações acerca da pandemia, como modo de informar criticamente acerca da situação no país, o Museu também oferece espaço para que o público participe ativamente, enviando feedbacks acerca do conteúdo disponibilizado pelo museu e também participando da construção de exposições coletivas. Isso corrobora para a formação de espectadores emancipados (RANCIÈRE, 2017), que consomem de modo crítico e produzem ativamente, promovendo uma integração entre visitante e instituição. Tais questões são complementadas por Han:

Hoje não somos mais destinatários e consumidores passivos de informação, mas sim remetentes e produtores ativos. Não nos contentamos mais em consumir informações passivamente, mas sim queremos produzi-las e comunicá-las ativamente a nós mesmos. Somos simultaneamente consumidores e produtores (HAN, 2018, p.36).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O MuDI tem como objetivo a produção viva e dinâmica de uma memória relativa à pandemia de COVID-19, conjuntamente ao período atual de contestação dos pressupostos das razão e do conhecimento de maneira geral. Dentre as ações realizadas até o momento citamos a exposição de longa duração e os segmentos temáticos que denominamos de movimentos: “Por dentro da Pandemia”, “Ciência Compartilhada”, “É Fake!” e “Memórias do Isolamento”. Tais movimentos são alimentados semanalmente, concomitantemente às atualizações das redes sociais em que o Museu se faz presente.

O Movimento “Por dentro da Pandemia” surgiu do anseio de evitar a propagação de desinformação à sociedade sobre a pandemia e tudo que a ela está atrelada. Para tal, é feita uma pesquisa, análise e seleção das notícias que são veiculadas ao longo do tempo com temática diretamente relacionadas à pandemia, e as mesmas são posteriormente publicadas no MuDI.

O Movimento “Ciência Compartilhada” tem como finalidade auxiliar na divulgação da produção científica que gira em torno da pandemia da COVID-19. Para tanto, é feita uma varredura nas bases de dados, análise das publicações

acerca do tema, além de uma seleção dessas produções científicas para posterior compartilhamento das informações.

O Movimento “É Fake!” surge para combater as fake news que se proliferaram de forma massiva nas redes sociais, o que desencadeia não só a disseminação de fatos inverídicos, mas também gera desordem, caos e pânico entre a população. A elaboração de tal movimento consiste na pesquisa e seleção das fake news mais virais de cada semana, acompanhado de desmentido, feito através da comparação entre o conteúdo impreciso/inverídico e a informação/conhecimento fidedigno e cientificamente embasado.

O Movimento “Memórias do Isolamento” consiste em fragmentos de entrevistas realizadas com diversos atores sociais, os quais possuam representação ou papéis de liderança dentro dos grupos em que estão inseridos (comunidades, movimentos sociais, religião, etc). Em tais relatos são abordadas suas vivências durante o período de isolamento social, com o intuito de evidenciar os diversos olhares sobre os grupos sociais em que esses indivíduos se inserem, além de evidenciar as formas com que enfrentam a realidade atual.

Além do desenvolvimento dos Movimentos e da atuação nas mídias sociais, o MuDI trabalha com exposições de curta duração. Até o presente momento, o Museu apresentou a exposição intitulada “Cartas que Levam Abraços”, com período de realização entre 21 de setembro a 30 de novembro de 2010. A mostra entabula os objetivos do museu e surge do desejo de estreitamento da distância e das relações sociais entre as pessoas e seus afetos que com a comunicação virtual tendem a cada vez mais à frieza e ao afastamento. A equipe da exposição promoveu uma chamada para participação do público, no qual solicitava que cada pessoa escrevesse uma carta, remetendo-a a algum amigo ou familiar, contando algo sobre suas vivências, sentimentos, e ânsias neste período de isolamento social. Após trabalho de curadoria das cartas recebidas, a exposição foi implementada e inaugurada *online*.

A equipe desse projeto de extensão prospecta dar continuidade às ações já desenvolvidas, além de se dispor a elaborar novas atividades, como movimentos e exposições, estando sempre alinhados com seu propósito principal, estabelecer conexões com o público, trazendo, assim, amplas possibilidades de discussões sobre a relevância do papel da ciência na construção da sociedade - sobretudo considerando as especificidades e reflexos da pandemia.

4. CONCLUSÕES

Com a expansão do coronavírus emergiu a necessidade de migração dos espaços físicos tradicionais para o espaço digital, em suas virtuais possibilidades. Já havia muitos museus ditos virtuais antes desse período, para grande parte das instituições, sua existência era ligada a um espaço físico. O MuDI surge neste período com a missão de salvaguardar as memórias sobre a pandemia. Além do seu caráter histórico e informacional (GOMES, 2000) o espaço digital onde o museu se encontra permite que o visitante acesse o ambiente bem como interaja com o mesmo, deixando mensagens e comentários sobre o acervo.

A partir da metodologia aplicada, o “acervo” do museu é composto por memórias advindas de diferentes meios – podendo ser eles a partir das exposições, de notícias, refutação de *fake news*, de produções acadêmicas, e das memórias coletadas em vídeo, cuja temática envolva a pandemia do coronavírus. O MuDI, nesse sentido, apresenta-se como um museu composto de memórias vivas, dinâmicas, tendo em vista que a produção de sentidos e interpretações sobre as

experiências vividas durante a pandemia se dão “em tempo real”, devendo o registro e construção de suas memórias acompanhar esta mesma dinâmica.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOMES, Henriette Ferreira. **O ambiente informacional e suas tecnologias na construção dos sentidos e significados.** Ci. Inf. [online]. 2000, vol.29, n.1, pp.61-70. ISSN 1518-8353. Acessado em 25 de set. de 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-19652000000100007>.

HAN, Byung-Chul. **No Enxame:** perspectivas do digital. Petrópolis: Editora Vozes. 2018.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 2010.

MARANDINO, M. Transposição ou recontextualização? Sobre a produção de saberes na educação em museus de ciência. In: **Revista brasileira de educação.** São Paulo: n. 26. Maio /Jun /Jul /Ago, 2004, p. 95-183.

MENESES, U. T. B. Os museus na era do virtual. In: BENCHETRIT, S.; BITTENCOURT, J. N.; GRANATO, M. (orgs.). **Seminário Internacional “Museus, Ciência e Tecnologia”.** Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2007. p. 50-69.

MUCHACHO, Rute. **Museus virtuais:** A importância da usabilidade na mediação entre o público e o objecto museológico. In: Livro de Actas – 4º SOPCOM. Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação. Lisboa. p. 1540 - 1547. 2005.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado.** São Paulo: WMF Martins Fontes. 2017.

WAGENSBERG, J. **Cosmocaixa.** El museo total. Por conversación entre Arquitectos y museólogos. Barcelona: Sacyr, 2006.